

PROCESSOS FORMAIS DE PRODUÇÃO DA NEGATIVA EM DISCURSO ORAL

Mary Francisca do CARENO¹

- RESUMO: O artigo apresenta diferentes modalidades de estruturas frasais nas quais a negação se constrói explicitamente através de elementos lingüísticos formais. As estruturas foram retiradas de transcrição de gravações feitas com habitantes da zona rural da região sul-paulista. Discute-se também a possibilidade de que as estruturas com dupla ou tripla negação sejam de procedência africana.
- UNITERMOS: Advérbio; estrutura da negação; dupla negação; redundância; intensificação; comunidades negras.

1. Introdução

Definidos tradicionalmente através de critérios morfológicos (palavra invariável), sintáticos (palavra relacionada sintaticamente ao verbo, adjetivo ou a outro advérbio) e nocionais (palavra que indica circunstâncias e modificação), os advérbios posicionam-se, segundo a tradição gramatical, sistematicamente antes do verbo, não havendo referência, nas obras tradicionais consultadas, de que sejam acompanhados ou não por outras partículas que reafirmem a proposição exposta na frase. Lingüistas modernos tendem a reexaminar o conceito de advérbio, limitando-o seja do ponto de vista funcional, seja do ponto de vista semântico e descrevendo-o de acordo com seu uso.

De forma geral e resumidamente, essas unidades estruturais apresentam-se como elementos modificadores do verbo, exprimem as circunstâncias que cercam ou precisam a ação.

Este artigo retoma essas questões e procura apresentar algumas estruturas da negação que nem sempre se ajustam específica e tão-somente a esses critérios. As estruturas fráscas encontradas constituem, em sua maioria, operações de modificação que atuam quer no nível dos elementos constituintes da proposição, quer no nível sintático-semântico da frase expressa.

1. Departamento de Lingüística – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 19800-000 – Assis – SP.

Os dados apresentados foram extraídos de gravações transcritas e de inquéritos, resultantes de questionários aplicados em comunidades negras da região rural do município de Eldorado Paulista, localizado na região sul do Estado de São Paulo. A pesquisa, feita no período entre 1987 e 1991, resultou em minha tese de doutorado, defendida em 1992.²

Os critérios para a escolha das comunidades foram basicamente três: lugares isolados, distantes dos grandes centros, de vida pastoril e habitados basicamente por população da raça negra. Considerando-se a existência de mais de vinte bairros nessas condições na região do Vale do Ribeira, escolhemos três comunidades rurais: Abobral, Nhunguara e São Pedro.

Quanto às qualidades exigidas do informante, também seguimos alguns itens que tomaram os dados o mais transparentes possível, quais sejam: ser iletrado, ser pessoa nascida no lugar, filho de gente do lugar ou a ele ter chegado até os cinco anos de idade; se casado, deve o cônjuge ser da região; ter viajado pouco; ter trinta anos ou mais; ser negro.

Para a transcrição das dezesseis fitas cassetes, baseamo-nos nos critérios do Projeto NURC (Norma Urbana Culta), feitas as devidas adaptações, considerando ser esta uma pesquisa de linguagem popular.

Algumas observações precisam ser feitas a partir dos critérios adotados pelo Projeto NURC, levando-se em conta os objetivos do trabalho:

a) na transcrição especificamente de experiências narradas, para captar peculiaridades de pronúncia, que contribuem para a identificação do registro, fugimos muitas vezes à ortografia oficial sem, contudo, optarmos por uma transcrição rigorosamente fonética, que nos pareceu desnecessária para toda a análise;

b) os aspectos fonéticos normais, já sobejamente tratados pela lingüística, mas que, no Vale, apresentam uma certa oscilação, foram caracterizados apenas quando contribuíam para detectar aspectos históricos. É o caso da oscilação existente na prolação das átonas finais *e* e *o*, que ora passam para *i* e *u*, respectivamente, ora se realizam plenamente. Logo, nas transcrições procuramos registrar a realização conforme era pronunciada e ouvida;

c) dentre as africadas interessaram-nos tão-somente as do tipo [dj], pois são africadas deste tipo as realizações que grafamos "dj" na palavra "gente", por exemplo. Fica evidente, para quem visita o local e ouve pela primeira vez a fala dos habitantes, essa realização diferenciada da pronúncia padrão brasileira. A oclusiva /t/ se realiza como normalmente o faz o paulista: africada, se diante de *i*, [tj]; mas oclusiva, se diante de outras vogais, [t]. Logo, não foi considerada relevante e teve sua transcrição sempre idêntica: [t];

2. Essa pesquisa de campo só foi possível com o auxílio financeiro que, por duas vezes, a FUNDUNESP (Fundação para o Desenvolvimento da UNESP) nos concedeu.

d) as interferências do transcritor ou da autora, para explicar melhor qualquer contexto, são colocadas entre colchetes, por exemplo:

– QUINZI noiti di posá djenti [com a viúva ou com o viúvo recente] ... mode a djenti ficá suzinha ... num ficá com MEdu ... (JO – 14A10 – NH);

e) a fala do documentador, assim como as do transcritor ou da autora, fica entre duas barras e é sempre transcrita em ortografia oficial, pois essas pronúncias não são pertinentes ao trabalho;

f) o diálogo para as gravações é sempre do tipo DID (Diálogo entre Informante(s) e Documentador(es));

g) a sigla entre parênteses, no final dos exemplos, indica a seguinte seqüência: (L – 17B19 – SP): letra inicial do primeiro nome ou apelido pelo qual o informante é mais conhecido, número da fita, lado da fita, página de onde foi retirado o exemplo, sigla de comunidade. Adotamos AB para Abobral, NH para Nhunguara e SP para a comunidade de São Pedro;

h) as normas de transcrição nos exemplos de língua falada são: () (incompreensão de segmentos); / (truncamentos); :: (alongamento que pode ser aumentado para ::: ou mais); ? (interrogação); ... (qualquer pausa); (()) (comentário descritivo do transcritor); — — (comentários que quebram a seqüência temática); | (simultaneidade de vozes).

Na entonação enfática usamos letra maiúscula. A hipótese do que se ouviu é colocada entre parênteses.

2. A estrutura negativa

1. A noção central para explicar a contribuição semântica mais típica dos advérbios é a de escopo, segundo Ilari et al. (1990, p. 104). Acrescentam ainda que, informalmente, pode-se caracterizar o escopo como o “conjunto de conteúdos afetados por algum operador”. Esse operador é o próprio advérbio e os conteúdos em questão são supridos por outras expressões que com ele interagem no mesmo co-texto. Essa noção permite, conforme afirmam os autores, distinguir uma negação de sentença e uma negação de constituinte, apesar de ainda não haver, em língua portuguesa, uma gramática do escopo dos advérbios e, talvez por isso, não tenha ficado ainda claro aos estudiosos da língua o que se deva entender pela afirmação de que o advérbio “afeta” determinados constituintes. A proposta deste artigo é trabalhar com a negação, entendida como uma estrutura formada por elementos formais que sempre contaminam os demais integrantes da frase. Ela surge, na pesquisa, ajudada, na maioria dos exemplos, por um segundo ou terceiro elemento que estende a idéia negativa por toda a expressão que o informante constrói.

Os informantes do Vale apresentam, assim, para formar as estruturas negativas, a marca lingüisticamente considerada geral, ou seja, o uso do operador negativo NÃO, apoiado, muitas vezes, por outros operadores discursivos. A presença desses elementos, de acordo com os citados autores (1990, p. 103), atenua a dificuldade que tem a partícula NÃO de se coordenar a qualquer constituinte da frase, possuindo, em consequência dessa característica, uma sintaxe bastante peculiar. A junção desses elementos à frase acrescenta à negação, informam os autores, um matiz de tempo, modo etc. Essas expressões só têm razão de ser, prosseguem eles, com a presença do NÃO antes do verbo.

Se considerarmos que todo enunciado, enquanto prática lingüística, apresenta um determinado grau de modalização, podemos afirmar que os locutores utilizam a unidade negativa NÃO quer em relação ao conteúdo proposicional que desejam expressar, quer em relação ao valor de verdade das idéias veiculadas através de seus enunciados e quer, às vezes, em relação a ambos.

2. As estruturas encontradas exprimem explicitamente uma afirmação contrária a outra expressa na mensagem e os elementos de explicitação da negativa surgem antepostos ao verbo (ver os exemplos abaixo), mas quase nunca sozinhos. Somente nos exemplos (1) e (2) a forma negativa surge desacompanhada. Nos demais, um elemento negativo posiciona-se anteriormente ao verbo e outro se coloca logo após o verbo, surgindo como reforço da idéia que o informante elaborou. Esse segundo elemento pode ser uma locução negativa, um advérbio ou um pronome indefinido, como vemos nos exemplos abaixo (3) a (7).

(1) "diz qui *num* podi discansá [o defunto]... diz que *num* podi arriá aquei caxão pa discansá" [senão surge visagem no local] (J-12B18-NH)

(2) "eu ... eu *num* tô bem a par si foi um tar di Lã/ Lâmarc aqui" (B-26A24-AB)

(3) "dia di duminhu nós *num* trabaiamu di jeitu *ninhu*" (I-1B5-AB)

(4) "essi eu *num* mi alembu *mais*" (I-1A6-AB)

(5) "cum essi (olho) eu *num* inxergu *nada*" (JO-14A1-NH)

(6) "/tem algum hospital aqui pertu?/ *num* tem *nada* ... só im Eldoradu" (J-12B25-NH)

(7) "agora... dessa djenti mais velhu que tinh'aqui eu *num* cunheçu *nenhu* delis" (JU-18B8-SP)

Observando esses exemplos, podemos inferir que todo advérbio, ao entrar em composição com outros elementos da oração e mesmo realçado por outro advérbio, afeta semanticamente uma determinada seqüência como um todo ou pode dirigir-se especificamente a um determinado constituinte. É o que temos nos exemplos (1) e (2), onde a negação, se tem por um lado o papel de declarar globalmente falso:

(1^a) [Diz-se] que [os carregadores *num* enterro] possam arriar [abaixar] aquele caixão para descansar [sem que surja] visagem no local];

(2^a) que eu esteja bem a par se foi um tal de Lamarca [que passou por] aqui.

por outro lado, e em consequência das afirmações anteriormente declaradas falsas pelo informante, demonstra que: em (1) o operador *NÃO* afeta todo o conteúdo da frase, caracterizando a noção de escopo; nega-se toda a informação contida na sentença subordinada; em (2), entretanto, a operação semântica realizada pelo advérbio parece incidir especificamente sobre o intensificador *BEM*. Apesar de o operador negativo negar os outros constituintes da frase, o elemento intensificador é mais negado que os outros, comportando-se como um elemento em relevo.

Outros elementos em destaque apresentam-se nos exemplos (4) e (6). No primeiro, a intensificação da negativa incide sobre o dêitico (*esse*). Pressupõe-se que o esquecimento seja total somente sobre o assunto em questão e não sobre outros. No exemplo (6), a negação, construindo-se através dos elementos formais (*não* (*num*) e *nada*), retrata a inexistência de qualquer coisa e não somente a do item proposto (*hospital*). Com o operador *NÃO*, o informante, efetivamente, nega aquilo que lhe foi questionado, mas o indefinido neutro *NADA* nega não só a existência do dado da informação solicitada como também qualquer outro fato que o interlocutor porventura desejasse saber, ou seja, *NADA* nega uma carga de informações maior do que a solicitada.

Nos exemplos (3), (5) e (7), consideramos que, por não haver nenhum elemento em relevo, a negação incide sobre todo o conteúdo proposto.

Esse processo de intensificação da idéia negativa foi estudado por Mira-Mateus (1983, p. 160), que assegura que esse tipo de estrutura ocorre quando o locutor tem como objetivo ou a desambiguação do escopo da negativa ou, por outro lado, a explicitação quer das intenções do locutor, quer da posição deste em relação ao estado de coisas a que se refere.

3. O fenômeno da dupla negação, em regiões habitadas por descendentes de africanos, motivou German de Granda (1988, p. 78) a afirmar a possibilidade de serem de procedência africana os fatores que causaram o desenvolvimento dessa estrutura sintática. O autor acredita em "*la derivación de condicionamientos lingüísticos africanos del fenómeno de la doble negación, que no sólo se da en el Chocó sino en toda el área pacífica de Colombia y en otras zonas americanas de población (actual o pasada) mayoritariamente de origen africano como Santo Domingo, Brasil [o grifo é nosso], San Basilio de Palenque etc. Parece difícil de impugnar la existencia de relación causal entre estos hechos y la utilización de esquemas sintácticos homólogos de negación en lenguas africanas del grupo Kwa, como el Ewe y el Yoruba, y en lenguas Bantu occidentales*".

Granda defende, nas duas obras consultadas, um modelo teórico diacrônico, criticado por alguns especialistas no assunto, no qual expõe que a) os primeiros africanos estabelecidos em áreas da América espanhola, do século XVI ao XIX, fizeram uso de um código lingüístico crioulo que depois evoluiu até chegar ao espanhol falado nas diversas áreas geográficas citadas; e b) as modalidades de crioulo, desenvolvidas e empregadas nas diferentes zonas hispano-americanas de população negra, provêm

do que o autor chama de "protodiasistema 'criollo' - português de África" (Granda, 1978, p. 510).

No Brasil, de um modo geral, vários autores que se ocuparam ou se ocupam do estudo da língua portuguesa e seu contato com as línguas dos africanos admitem ter existido, durante a colonização, alguns dialetos crioulos. Podem ser consultados, entre outros autores: Révah, (1963); Silva Neto (1976, p. 113); Melo (1975, p. 30, apud Careno, 1991, p. 96).

As condições especiais da zona trabalhada por Granda (o ocidente da Colômbia) parecem coincidir com as condições encontradas por nós no Vale do Ribeira, ou seja, zona de povoação eminentemente negra, região de difícil acesso, informantes analfabetos ou semi-analfabetos. Nesse território, chamou-nos a atenção, assim como a desse estudioso da fala hispano-americana, a obrigatoriedade do emprego, em várias proposições de sentido negativo, de uma dupla e até tríplice negação. Este uso enfático, embora não absolutamente necessário, como veremos nos exemplos a serem apresentados, teve uma frequência alta nas gravações.

A identificação desse traço morfossintático, segundo Granda, justifica a hipótese do estágio lingüístico crioulo, devido ao fato de que tem homologia estrutural com outras falas que, na África e na própria Hispano-América, se mantêm até hoje. O autor cita a preservação dessa estrutura em áreas como Ano Bom e São Tomé, Príncipe, e em zonas negras colombianas.

Os exemplos com dupla negação, encontrados na fala dos habitantes do Vale do Ribeira, reforçam a idéia da procedência africana, ao nos atermos às características étnicas dos nossos informantes; todos eles pertencem a comunidades formadas essencialmente por pessoas da raça negra, cujas origens remontam a séculos anteriores. Os três bairros rurais envolvidos nesta pesquisa (Abobral, Nhunguara e São Pedro) são formados por grandes famílias negras, especialmente Nhunguara e São Pedro.

A hipótese de que sejam remanescentes de quilombos não pode ser descartada, se considerarmos alguns fatos históricos, citados abaixo, que aconteceram nessa região.

Essa grande concentração de negros num único local só pode ser explicada com uma pesquisa mais profunda que estude algumas questões da história antiga do Estado de São Paulo, tais como a exploração das minas de ouro por escravos durante os séculos XVII e XVIII e os desembarques clandestinos de escravos por todo o litoral paulista após a Lei Eusébio de Queiróz, de 1850, que proibia o tráfico de escravos a partir de então. Autores como Ellis Jr. (1944), Canabrava (1950), Fortes & Fortes (1988), Franco (s/d), Austregésilo (1950) etc.³ estudaram e refletiram sobre esses fatos históricos. A permanência na região desses elementos etnicamente agrupados,

3. Há vários autores que fazem referência a esses temas e que são citados em minha tese de doutoramento. Há também vários documentos, no Arquivo do Estado de São Paulo, que relatam fatos históricos do Vale do Ribeira referentes aos escravos.

formando verdadeiros clãs familiares, pode ser explicada, quando verificamos, além dos fatos históricos, pela formação geograficamente acidentada dos terrenos da região, com muitas elevações e inúmeras cavernas. Há também a considerar que, até a década de 1960, a região do Vale do Ribeira permaneceu isolada do desenvolvimento econômico e industrial de todo o Estado de São Paulo e praticamente desconhecida do resto do País.

4. Voltemos agora a outras estruturas da negação que também chamaram a nossa atenção ao desenvolvermos a pesquisa de campo.

Há um tipo de negação, no qual o elemento negativo encontra-se no sintagma nominal, permitindo negação do verbo por força da ênfase que o falante dá a sua fala.

(8) "*ninguém* trabaiava naquela somana" (J-12B7-NH)

(9) "*ninguém num* viu discutissão delis" (JU-18A9-SP)

(10) /Como são as festas de casamento por aqui?/ "*ninguém nem* fais..." (J-12B21-NH)

Nos exemplos (9) e (10), percebe-se que a quantidade e a posição dos elementos negativos antepostos ao verbo mudaram. Criou-se, também, a rigor, a redundância, mas o que prepondera sempre é o caráter de reforço negativo. Outros exemplos de negação pronominal anteposto ao elemento verbal foram encontrados durante as gravações, conforme o que se segue:

(11) "u nomi deli é Jusé Perera dus Santus... mais é só custumi dizê aqui (falá ansim) *ninguém num* sabi" (A-15A4-NH)

(12) "*ninguém* dicertu tamém *num* tem quexa di mim" (JO-16B16-SP)

Outra característica da estrutura negativa observada é a criação de mais elementos para reforçar a negação. Antes dupla, a estrutura torna-se tripla em algumas falas.

(13) "*não* ... naquela veis eu *num* fui a Iguapi *não* ... " (JU-16A41-SP)

(14) "*não* ... *num* é [visagem] *não...é djente né?*" (JO-16A23-SP)

O operador *NÃO*, revestido da forma popular *NUM*, nos exemplos (11) e (12), assegura o valor de verdade da mensagem, reforçando o conteúdo da expressão negativa que com ele interage nas frases; nos casos presentes (os exemplos de (9) a (12)), referimo-nos ao sintagma *NINGUÉM*. Neste último exemplo (12), há um constituinte em relevo: *DECERTO*.

A repetição da negativa numa só proposição linguística chega ao exagero no exemplo (14), no qual encontramos três elementos de negação em um enunciado de extensão mínima. A negação final, chamada TAG por Ilari et al. (1990), apresenta-se apenas para solicitar a adesão do interlocutor àquilo que expressa. A negativa inicial dos exemplos (13) e (14) encaixa-se no tipo "RESPOSTA NEGATIVA", conforme a classificação do autor.

Os dados do *corpus* nos permitem distinguir alguns contextos nos quais a negativa aparece. O operador *NÃO* (e suas variantes populares *NUM* e *NEM*), como primeiro elemento da estrutura, surge sempre imediatamente anteposto ao verbo. Fora dessa posição, mesmo sozinho, e considerado como segundo elemento da estrutura, fica ou no início da frase (resposta negativa) ou no final da frase como reduplicação ou triplicação da negativa.

Quando ocorre, o segundo elemento da estrutura negativa posiciona-se:

a) posposto ao verbo, seguindo-o imediatamente. Esse verbo funciona transitiva (ex. (4) e (7)) ou intransitivamente (ex. (3)). Essa posição é chamada de adjacência por Ilari.

b) anteposto ao verbo:

b1 – O segundo elemento vem após o sintagma nominal, junto ao verbo (ex. (9) a (11)).

b2 – O segundo elemento vem após o sintagma nominal, junto ao verbo, intercalado com outras unidades. No ex. (12), o *NÃO* vem separado do indefinido através de outro advérbio (de dúvida: *decerto*), seguido por uma partícula de inclusão (também).

3. Considerações finais

O levantamento e a análise das estruturas lingüísticas da negação surgidas na fala desses habitantes rurais são bastantes sedutores, na medida em que parecem ter a virtude de colocar em destaque estruturas que cotidianamente se ouvem aqui e ali, mas que a gramática tradicional nem sempre considera para análise. A tradição gramatical procura, isto sim, normativizar usos lingüísticos como se sempre deveriam ser deste e não de outro modo. As estruturas encontradas revelam a existência do uso dos operadores de que tratamos, além de demonstrarem que esse surgimento ocorre com muita naturalidade na fala dos informantes.

Esses exemplos apontam para a necessidade de se reformularem os critérios válidos da tradição gramatical, quando propõe apenas um tipo de estrutura para a construção da negativa. Constatamos tanto a diversidade de emprego das expressões de negação, que admitem usos bastante variados, quanto a diversidade das posições em que elas são encontradas.

Nos critérios adotados na tradição gramatical não há referências a partículas negativas que reafirmem a idéia veiculada pelo falante.

Com relação à hipótese de uma provável origem africana dessa estrutura morfossintática, caberia, indubitavelmente, uma pesquisa mais profunda do ponto de vista histórico e lingüístico. Não só desses tópicos, mas também uma investigação das outras influências lingüísticas e histórico-culturais que ainda permanecem nas

relações sociais existentes na região do Vale do Ribeira. Com o processo de nivelamento da linguagem, tendo em vista a atração, nos jovens, principalmente, pelos padrões urbanos, todas as variações lingüísticas dos habitantes acabarão por desaparecer, tornando-se para sempre inacessíveis à investigação.

CARENO, M. F. do. Formal processes for the negative structure in oral discourse. *Alfa*, São Paulo, v. 37, p. 117-126, 1993.

- **ABSTRACT:** *This article presents different types of phrasal structures in which the negative is organized explicitly through formal linguistic units. The structures were obtained through record transcription from inhabitants of rural zone in the south of the State of São Paulo. It discusses also the possibility of double or triple negative structures having African origin.*
- **KEYWORDS:** *Adverb; negative structure; double negative; redundance; intensification; black communities.*

Referências bibliográficas

- CARENO, M. F. A. *Linguagem rural do Vale do Ribeira: a voz e a vez das comunidades negras*. Assis, 1991. Tese (Doutoramento em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.
- CASTILHO, A. T., PRETI, D. (Org.) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987. 198 p.
- GRANDA, G. de. Algunos rasgos morfosintácticos de posible origen "criollo" en el habla de áreas hispanoamericanas de población negra. In: _____. *Estudios lingüísticos hispánicos, afrohispanicos y criollos*. Madrid: Gredos, 1978. p. 501-18.
- _____. Los esclavos del Chocó: su procedencia africana (siglo XVIII) y su posible incidencia lingüística en el español del área. *Thesaurus: Boletín del Instituto Caro y Cuervo*, Bogotá, v. 43, p. 65-80, jan./abr., 1988.
- ILARI, R. et al. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, A. T. (Org.) *Gramática do português falado*. Campinas: Ed. UNICAMP/FAPESP, 1990. p. 63-141.
- MIRA-MATEUS, M. H. et al. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 1983. p. 19-35, 153-60.

Bibliografia consultada

- AUSTREGÉSILO, M. E. Pesquisas sobre a existência do ouro e da prata no planalto paulista nos séculos XVI e XVII. *Revista de História*, v. 1, p. 51-71, jan./mar., 1950.

- BOCCIA, A. M. M., MALERBI, E. M. O contrabando de escravos para São Paulo. *Revista de História*, v. 56, n. 112, p. 321-79, out./dez., 1977.
- CANABRAVA, A. P. Um desembarque clandestino de escravos em Cananéia. *Revista de História*, v. 1, n. 4, p. 559-62, out./dez., 1950.
- ELLIS JR., A. *Capítulos da história social de São Paulo*. São Paulo: Nacional, 1944.
- FORTES JR., O., FORTES, R. M. *Cem anos de abolição: estudo histórico sobre a escravidão no Vale do Ribeira*. Iguape, 1988. (apostila datilografada)
- FRANCO, F. A. C. *História das minas de São Paulo*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, s.d.